

Gastão Vidigal defende complemento do pacote

"Agora o governo tem todos os instrumentos necessários para fazer a inflação cair para um patamar suportável, de 25 a 30%, e criar condições para uma retomada da economia que não pode mais continuar em estado de recessão." Essa é a expectativa do presidente do Conselho de Administração do Banco Mercantil de São Paulo, Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, ao analisar o novo panorama econômico nacional criado com a divulgação do recente "pacote" e com sua complementação a partir do expurgo geral de todos os índices oficiais, anunciado para os próximos dias.

Em entrevista ao *Estado*, Vidigal disse que o grau de contenção do patamar inflacionário e o prazo necessário para que isso ocorra dependerá da dosagem com que as autoridades econômicas promoverem o expurgo. Sem os riscos de choques muito violentos, o governo poderia conter a inflação em 30%, nos próximos dois anos e iniciar brevemente um programa de reativação gradual da economia: "Todo brasileiro consciente e com um mínimo de responsabilidade deve estar hoje preocupado com a recessão", afirmou.

Após insistir em que confio na "orientação atual do governo para reduzir os gastos públicos, para diminuir os juros e administrar a correção monetária", o presidente do Mercantil observou porém que considera arriscados os cortes nos investimentos das empresas estatais. Embora favorável a uma política econômica de austeridade — "nesse sentido as exigências do FMI serviram para comprovar que esse é o único caminho viável" — Vidigal observou que o corte de investimento das esta-

tais precisa ser analisado com cautela porque "em muitos casos são essas empresas que ainda mantêm o nível de demanda indispensável para a sobrevivência dezenas de empresas privadas".

SETOR EXTERNO

Para o presidente do Banco Mercantil, o Brasil tem perfeitas condições de chegar ao final deste ano com um superávit de US\$ 6 bilhões, como foi programado no início do ano. Apesar de boa parte do superávit de US\$ 2,12 bilhões obtido nos cinco primeiros meses ter sido conseguida graças à redução das importações, Vidigal reconhece que o comportamento das exportações foi surpreendente em face do clima de retração que prevalece no mercado internacional.

O presidente do Banco Mercantil não vê motivos para muita preocupação com a dívida externa e considera perfeitamente satisfatória sua relação com o Produto Interno Bruto se comparada com a de outros países. Mesmo com o agravamento ocorrido nessa relação nos últimos dois anos, devido à diminuição do crescimento da economia, esse grau de endividamento não representa um estrangulamento.

A partir de agora, Vidigal espera que haja portanto maior estabilidade nas regras do jogo e que as empresas possam programar-se a médio prazo. "Até agora, a única coisa que eu conseguia definir como diretriz de longo prazo era: não imobilizar o patrimônio do banco, evitando, por exemplo, aumentar aplicações em imóveis ou ações de empresas. Precisamos acabar com a desordem financeira decorrente da desordem nas contas do governo", acrescentou o presidente do Mercantil.